



FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Fernanda Andrade Silva¹
Luciana Maria Bueno Ayres²
Rosa Jussara Bonfim Silva³

Resumo: Para exercer a função de professor alfabetizador, o profissional deve ter ciência de que o trabalho demanda maior empenho em relação às demais etapas. O bom professor tem domínio da turma, do conteúdo aplicado, é carismático, envolve toda a turma na atividade proposta e consegue alfabetizar seus alunos. O objetivo deste trabalho é analisar os conceitos de letramento e alfabetização no contexto educacional e social, e a formação do professor para o exercício da alfabetização. A metodologia utilizada nesse artigo foi estudo de caso, com pesquisa qualitativa, por meio de aplicação de entrevista aplicada a três professores alfabetizadores do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I, respaldada em estudos bibliográficos. Atuar com competência nas aulas de alfabetização vai além do domínio do conteúdo, afinal, alfabetizadores são alfabetizados. Domina o conteúdo para trabalhar com os alunos. Mas é importante pensar nas especificidades didáticas desse conteúdo. A formação de professores no curso pedagógico deve levar em conta o perfil do professor alfabetizador. É importante compreender o processo de alfabetização como uma jornada complexa que deve ser objeto de estudos e pesquisas.

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia da Faculdade do Noroeste Mineiro - FINOM

² Concluinte do Curso de Pedagogia da Faculdade do Noroeste Mineiro - FINOM

³ Pós-doutorado em Formação de Professores pela Universidade Aberta de Portugal. Doutora em Educação pela Universidade Católica de Brasília em parceria com a Universidade de Ottawa (Canadá) (PhD). Mestre em Educação na Linha de Pesquisa de Ensino e Aprendizagem nos contextos socioeducativos e escolares, na perspectiva de teorias humanísticas, psicanalíticas e psicogenéticas. Membro do Grupo de Pesquisa Diálogo Transversal em parceria com a UNESCO e Editora da Revista Educação In loco - FINOM. Atua como Avaliadora da Educação Superior do INEP (Avaliadora Institucional e de Cursos com Duplo Perfil). Especialista, Professora e Formadora do LEEI - Leitura e Escrita na Educação Infantil, Coordenadora da Educação Especial da Secretaria Municipal de Educação de João Pinheiro. Professora da Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM. Professora Conteudista do Programa Trilhas para o Futuro Educador do Governo de Minas Gerais, Professora Conteudista e tutora EAD do NEAD Icesp. Graduada em Normal Superior e Pedagogia. Pós-Graduada em Psicopedagogia, Direito Educacional, Docência Superior, Supervisão Escolar, Gestão em Docência e Gestão Pública. <https://orcid.org/0000-0002-2714-232X>

Palavras-Chave: Alfabetização; Professor alfabetizador; Processo de aprendizagem; Séries iniciais.

Abstract: To perform the function of literacy teacher, the professional must be aware that the work demands greater effort in relation to the other stages. A good teacher masters the class, the content applied, is charismatic, involves the whole class in the proposed activity and manages to teach his students to read and write. The objective of this work is to analyze the concepts of literacy and literacy in the educational and social context, and the training of teachers for the exercise of literacy. The methodology used in this article was a case study, with qualitative research, through the application of an interview applied to three literacy teachers from the 1st to the 3rd year of Elementary School I, supported by bibliographic studies. Acting competently in literacy classes goes beyond mastering the content, after all, literacy teachers are literate. Master the content to work with students. But it is important to think about the didactic specificities of this content. The training of teachers in the pedagogical course must take into account the profile of the literacy teacher. It is important to understand the literacy process as a complex journey that must be the object of studies and research.

Key words: Literacy; Literacy teacher; Learning process; Initial series.

Contato: nip@icesp.edu.br

Introdução

A situação educacional brasileira tem requerido das mais diversas áreas do conhecimento, reflexões e busca de soluções para os problemas já tão bem conhecidos pela sociedade. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2019 mostram que o Brasil tem 11 milhões de pessoas com mais de 15 anos que não conseguem ler nem escrever um bilhete (TOKARNIA, 2020).

Desta forma, para conseguir que a educação brasileira atinja, um dia, um grau de excelência, é necessário pensar nos alicerces do ensino como um todo, sendo a alfabetização um dos pilares principais a serem reforçados, fato esse que o presente artigo pretende apresentar.

A problemática da pesquisa girou em torno da formação na graduação e em serviço, o currículo das escolas e seus projetos pedagógicos não atualizados, a pobreza da família das crianças, a precariedade estrutural das escolas, a cultura das ‘dificuldades de aprendizagem’ e muitos outros fatores que engessam o aprendizado.

A hipótese apresentada demonstra que com tantos dados sobre o desempenho dos estudantes e levando em consideração a quantidade de anos que os alunos permanecem na

escola, cabe a pergunta: pode ter tantas dificuldades com sua própria língua, um objeto de uso diário, um aluno que sai do Ensino fundamental? Porque tanto fracasso escolar?

Conforme aponta Cagliari (1996), um professor que alfabetiza, então, para iniciar o indivíduo nesse processo, precisa saber o que é leitura e o que é escrita (atos essencialmente linguísticos) e várias questões referentes a esse processo e, além disso, ter conhecimentos suficientes, que o instrumentalize a saber como ensinar todos esses conteúdos, uma vez que ler e escrever não são ações apenas mecânicas de decifração e codificação, mas também processos históricos, culturais e sociais.

O artigo tem como objetivo geral analisar os conceitos de letramento e alfabetização no contexto educacional e social, e a formação do professor para o exercício da alfabetização. E como objetivos específicos, evidenciar o perfil do professor alfabetizador, sua formação e competências; analisar o trabalho do professor alfabetizador em sala de aula; e apresentar propostas que agreguem no processo de erradicação do analfabetismo.

Materiais e Métodos

Para Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa depende das observações da reação e do comportamento do indivíduo, na qual estas, juntamente com as entrevistas, são fundamentais. Pode-se dizer que a pesquisa qualitativa buscou dar significado aos acontecimentos no ambiente natural em que estes ocorrem, neste caso, a sala de aula.

A coleta de dados ocorreu através de uma entrevista aplicada a 3 (três) professores alfabetizadores, sendo um do 1º ano (E₁), um do 2º (E₂) e o outro do 3º ano (E₃) do Ensino Fundamental I. Os quais responderam com base em seu conhecimento e experiência em sala de aula, com o intuito de evidenciar o perfil desses profissionais quanto à sua formação e competência para a docência, o ponto de vista dos mesmos quanto ao currículo escolar e a não atualização dos projetos pedagógicos, a precariedade estrutural da escola, dificuldade financeira da família das crianças, quanto à cultura das ‘dificuldades de aprendizagem’, dentre outros fatores que engessam o aprendizado.

Referencial Teórico

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), criada pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, aos poucos está sendo implementada e consolidada por meio de programas, ações e instrumentos. Sua finalidade é a melhoria da qualidade da alfabetização no território nacional e combater os analfabetismos absoluto e funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal, com base em evidências científicas (BRASIL, 2021).

A Secretaria de Alfabetização do Ministério da Educação (BRASIL, 2021), enfatiza os componentes essenciais da alfabetização da criança, tais como consciência fonêmica; instrução fônica sistemática; fluência em leitura oral; desenvolvimento de vocabulário; compreensão de textos; e produção de escrita. Dentre as iniciativas de implementação da PNA, destaca-se o programa Tempo de Aprender, estabelecido pela Portaria MEC nº 280, de 19 de fevereiro de 2020. De forma abrangente, o programa se divide em dez ações, agrupadas em quatro eixos. Em especial, a primeira ação do Eixo 1, Formação Continuada de Profissionais da Alfabetização, contempla o curso online Práticas de Alfabetização.

Na visão de Soares (2006, p. 15) “Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita”. Desse modo, a alfabetização é construída pelo domínio da técnica das relações entre o som e a letra. Têm-se no Brasil uma triste realidade onde muitas pessoas não conseguem escrever e ler e outras que passaram pelo processo de alfabetização, mas não conseguem compreender e interpretar o que leem. Assim, “alfabetizar a criança não deve estar relacionado apenas à decifração de códigos, mas precisa estar ligado à capacidade de compreensão e desenvolvimento da criança” (RODRIGUES, 2021, p.17).

Para Soares (2013, p. 16):

A alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de compreensão/ expressão de significados do código escrito.

Desse modo, é importante que criança ou adulto se empodere da leitura e da escrita, pois vivemos em uma sociedade letrada, não basta codificar e decodificar as palavras, é preciso compreender os usos sociais da escrita.

Professor alfabetizador: formação e competências

O presente artigo demonstra a Formação Continuada do Professor Alfabetizador, que vai além da sua formação, pois ao concluir o curso de pedagogia, ele não se faz um professor alfabetizador, mas o constante aperfeiçoamento nesta modalidade educacional.

O Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), surgiu como uma ação coletiva do governo federal, Distrito Federal, estados e municípios na busca de garantir a alfabetização de crianças (língua portuguesa e matemática) até os oito anos de idade, isto é, até o término do 3º ano do ensino fundamental. O PNAIC foi instituído pela Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, lançado em 8 de novembro de 2012, com o objetivo de criar estratégias para que, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental, todas as crianças estejam alfabetizadas (BRASIL, 2012).

Esse professor é capacitado para desenvolver assim seu trabalho em sala de aula, onde no decorrer dos cursos de capacitação ele vai aprimorando seu conhecimento e assim desenvolvendo com exatidão o seu papel tão importante na vida de cada aluno.

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC - é um programa do Ministério da Educação (MEC) que conta com a participação articulada entre Governo Federal, governos estaduais e municipais e do Distrito Federal, dispostos a mobilizar esforços e recursos na valorização dos professores e das escolas (BRASIL, 2015).

Entretanto, para que o professor desenvolva uma educação emancipadora é necessário que realize ações problematizadoras, desejando à formação de indivíduos conscientes, autônomos e críticos. Para tanto, o docente deve analisar sua prática, e o faz a partir da formação continuada, pois é nesse momento, sob o ponto de vista crítico- reflexivo, que o professor irá analisar sua ação de orientador.

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes (IMBERNÓN, 2009 p.48-49)

Partindo do pressuposto de que somos sujeitos históricos e vivemos em mudanças contínuas, a formação do professor é desempenhada em vários contextos, tanto na formação pessoal, teórica, como prática. Desse modo:

A formação continuada é o momento de o professor aprender novos conceitos, discussões atuais referentes à educação e, principalmente, refletir sobre a sua ação docente, (re)significar sua postura profissional, no sentido de aprimorá-la, ou sustentar práticas já existentes, decorrente desse princípio, a reflexão da prática possibilitará o professor à busca por sua competência profissional, estudando e construindo saberes

ao longo do exercício de suas atividades, proporcionando as mudanças necessárias a serem realizadas no âmbito educacional (BRASIL, 2012, p. 27).

Lembrando que a formação prática do professor acontece também em seu dia a dia, nas suas ações pedagógicas, pois, é através da alfabetização que se dá a formação de cidadãos aptos para viver em uma sociedade diversa e tão rica de informações. Sabendo que essas informações são oriundas, onde o saber ler e escrever não significa que esse cidadão é necessariamente letrado. O professor alfabetizador precisa aprofundar seus conhecimentos sobre tal processo, refletir sobre sua prática e, conseqüentemente, melhorá-la.

Levando em consideração que para uma alfabetização de qualidade, não é somente o ato de ensinar a ler. A alfabetização vai muito além, conseqüentemente, o mesmo possibilita aos seus alunos a capacidade de viverem em um mundo letrado, dando assim a amplitude de vivenciarem o mundo da compreensão e da interpretação. Compete ao professor alfabetizador ser didático, expressivo e além dessas competências é essencial que ele passe todas as informações com clareza, coerência e tenha um princípio alfabético e familiarizado com os textos propostos em sala de aula, sendo assim, é preciso aperfeiçoamento na prática, pois como diz Freire (1966, p. 64) o conhecimento não é acabado:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou essa educabilidade.

Com base no processo de professor alfabetizador é evidente que o aluno é a peça fundamental para que esse professor desenvolva seu trabalho, lembrando que o objetivo do mesmo, vai além de ensinar a ler e escrever. Ele é corresponsável no desenvolvimento teórico e prático de cada discente em uma linha geral de pesquisa e conhecimento. Assim, nota-se que a formação continuada é importante para o professor alfabetizador, pois a partir dela ele irá se renovar sobre os meios de alfabetização e refletir sobre seu trabalho em sala de aula, a fim de realizar uma prática que associe alfabetização e letramento e, a partir disso, passar a entender a leitura e a escrita.

Imbernón (2009) em Formação docente e profissional ressalta que [...] a formação continuada são todos os momentos que nos são possibilitados para nossos estudos, reflexões sobre a nossa atividade tornando essencial para a nossa prática educacional.

Conforme Silva e Lucena (2016), a formação dos profissionais que atuam no ciclo de alfabetização requer que os órgãos responsáveis pela educação promovam conjuntamente

Revista Educação In Loco

Volume 3, Número 1, Ano: 2024, ISSN: 2675-4304 – DOI: [10.29327/216986.3.1-7](https://doi.org/10.29327/216986.3.1-7)

DOI: [10.29327/216986.3.1](https://doi.org/10.29327/216986.3.1)

possibilidades para a sua realização. Assim, a formação continuada tem um papel crucial para estimular o professor a investir na sua própria formação, contribuindo para o desenvolvimento de ações pedagógicas que busquem a melhoria da alfabetização do estudante.

É necessária salientar que, a formação continuada deve ir muito além de material e trocas de saberes, é preciso fazer uso dos processos formativos para uma reflexão da prática cotidiana, uma análise de seus posicionamentos em relação aos diversos conhecimentos que são refletidos durante os processos formativos (SILVA; LUCENA, 2016).

Marin (1996) apud Firmino e Silva (2019) afirma que a educação continuada parece uma abordagem mais ampla, por possuir um sentido que incorpora o pessoal, o institucional e o social, abrangendo assim, os termos mencionados (educação permanente, educação continuada e formação continuada).

Entretanto, Oliveira e Almeida (2019) citam que para que o professor pratique uma educação emancipadora é necessário que realize ações problematizadoras, visando à formação de sujeitos conscientes, autônomos e críticos. Para tanto, o professor deve avaliar sua prática, e o faz a partir da formação continuada, pois é nesse momento, sob uma perspectiva crítico-reflexiva, que o professor irá analisar sua ação docente.

Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004).

Portanto, para que seja possível que a educação brasileira desenvolva o processo de educação continuada, é fundamental que os educadores formem sujeitos críticos, que façam a diferença no contexto social em que estão vivendo, tendo em vista que a sociedade tem se transformado muito rápido em todos os seus processos, exigindo do professor definições de suas concepções, pois, objetiva-se, que estas concepções sejam as mais completas possíveis. Assim, podemos observar que, no PNAIC é imprescindível a formação de professores que desenvolvam uma relação formativa consistente, a qual é possibilitada pelo referente programa e demais campos constitutivos de sua formação. Deste modo, ressaltamos que a alfabetização precisa de professores que se comprometam com a educação, e com o desenvolvimento de relações de aprendizagem entre o professor e a criança que se encontra nesse processo (SILVA;

LUCENA, 2016).

Silva (2013) relata sobre a importância de dar sentido ao processo de aprendizagem, ter objetivos para além do retorno financeiro, ter uma proposta de ensino que promova a formação plena do ser humano, para que o mesmo, ao sair da escola, possa efetivamente contribuir com a humanidade.

Para Freire (1983), a alfabetização é um ato criativo em que o analfabeto compreende criticamente a necessidade de aprender a ler e escrever e se prepara para ser agente dessa aprendizagem. Ele consegue que a alfabetização seja mais do que simplesmente um domínio mecânico das técnicas de escrita e leitura. Os professores alfabetizadores são profissionais responsáveis por planejar e implementar atividades instrucionais que proporcionem compreensão para que os alunos desenvolvam aptidão de leitura e escrita. A alfabetização é muito mais do que ensinar a ler e a escrever, ela exige um compromisso dos professores para que os alunos possam vivenciar o mundo da alfabetização, e possam compreender o que lê e escreve, bem como aplicar essas habilidades no seu dia a dia.

O professor alfabetizador é um profissional que tem em suas mãos a responsabilidade de iniciar a formação de novos leitores e escritores. Suas ações devem permitir aos alunos, além da aprendizagem do sistema alfabético de escrita, a preparação para o exercício da cidadania. Partindo dessa análise, cabe ao professor fazer uma reflexão das relações entre a epistemologia e a prática pedagógica, para compreender qual o seu papel na formação dos alunos (ABDALLA, 2021).

O professor alfabetizador em sala de aula

A alfabetização ocorre nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e é considerada como alicerce, é nessa fase que ocorre o processo de aquisição da leitura e da escrita, bem como habilidades essenciais para o desenvolvimento de toda a aprendizagem escolar futura, sendo imprescindível que ocorra com qualidade e atendendo às necessidades dos educandos (WEYLL; MARTINS, 2017).

De acordo com Carvalho (2014), a escola é a principal mediadora dos saberes necessários para que os alunos adquiram o conjunto de aprendizagens possíveis, e o professor é o agente responsável pela construção do conhecimento juntamente com os educandos. Mais

do que mero transmissor de conhecimento, é um profissional reflexivo que exerce o saber e o refletir, obtendo deste exercício de práxis a oportunidade para melhorar sua prática docente (CARVALHO, 2014, 107).

Em uma sala de aula, ocorrem diferenças de aprendizagem entre alunos de uma mesma idade, entretanto, para Weyll e Martins (2017), também é possível perceber que muitos professores, desenvolvem apenas um tipo de atividade no decorrer de todo o ano letivo, o que acaba favorecendo a apropriação do conhecimento apenas para alguns estudantes, resultando na não aprendizagem de outros.

Dessa forma, cabe ao professor “o papel de mediador e motivador da aprendizagem, sempre atento às possibilidades e limitações no processo de apropriação do conhecimento pela criança” (ANTUNES, 1999 apud BRASIL, 2012, p. 22).

Conforme o Caderno de Boas Práticas (MINAS GERAIS, 2018, p. 9) faz parte do planejamento, promover um ambiente alfabetizador na sala de aula:

Afixar e usar, durante a aula, cartazes, calendários, trabalhos de aluno, revistas, entre outros que estejam relacionados às atividades a serem desenvolvidas com os educandos; Construir dentro da sala de aula o Cantinho da leitura renovável, com diferentes gêneros e portadores de texto, conforme o Planejamento; Conscientizar toda comunidade escolar sobre a importância da manutenção do material visual produzido e exposto dentro da sala de aula; Construir com os alunos etiquetas para objetos, móveis e materiais que compõem o ambiente de sala de aula; Disponibilizar em sala de aula textos para o trabalho com a linguagem: receitas culinárias, regras de jogo, embalagens e rótulos, anúncios, slogans, folhetos, cartas, bilhetes, cartões, convites, textos de jornais e revistas, adivinhas, contos, romances, lendas, fábulas, textos didáticos e informativos, dentre outros; Transformar a sala de aula num espaço rico, bonito e incentivador da aprendizagem da leitura e da escrita.

Um indivíduo, quando alfabetizado dentro do contexto do letramento, torna-se um cidadão ativo, crítico e participativo, pois irá adquirir ao longo de sua vida e de sua formação, novos conhecimentos sendo capaz de aperfeiçoar os seus saberes para que este venha a exercer seu papel dentro da sociedade (WEYLL; MARTINS, 2017).

Propostas a agregar no processo de erradicação do analfabetismo

Conforme Oliveira (2021), o PNE aponta que três das 20 metas estabelecidas para melhorar a qualidade do ensino do país não só não estão sendo cumpridas como apresentam retrocesso. O PNE foi sancionado no Congresso em 2014, e com prazo para ser cumprido até 2024, a erradicação do analfabetismo tinha como meta ter 93,5% dos brasileiros acima de 15

anos alfabetizados até 2015; erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% o analfabetismo funcional até 2024. Entretanto somente em 2020 a meta de 2015 foi atingida. O quadro de analfabetismo funcional aumentou, quando deveria regredir. Saiu de 27% da população de 15 a 64 anos com analfabetismo funcional em 2015 para 29% em 2018. A meta era reduzir a 13,5% até 2024 (OLIVEIRA, 2021).

Silva et al. (2018) sugerem como metodologia para a alfabetização sendo imprescindível que se trabalhe a prática da leitura dia após dia no cotidiano escolar, para que a criança se familiarize com as letras e possa ter um estudo diário dessa prática através do alfabeto, sílabas, textos fatiados, conto e reconto de histórias.

Ainda conforme Silva et al. (2018) um fator que implica no processo de ensino e aprendizagem é a falta de participação, uma vez que a colaboração dos pais é de grande influência nas práticas educativas, pois o desenvolvimento da alfabetização e aquisição da escrita surge também do incentivo familiar e social.

Síveres e Silva (2021) os profissionais de educação precisam trabalhar em conjunto com a família de seus educandos, valorizando-a, pois, a mesma é parte da comunidade escolar. A família tem participação importante e ativa na construção do sucesso escolar dos educandos. As ações educativas não acontecem somente na escola, mas também na família ou em outro ambiente, elas não ocorrem isoladamente, uma influencia a outra implícita ou explicitamente, e, se ocorrerem de forma desarticulada pode provocar a desconexão do educando em seu processo de ensino e aprendizagem.

Resultados e discussão

Foram entrevistados três professores educadores, sendo um do 1º ano (E₁), um do 2º (E₂) e o outro do 3º ano (E₃) do Ensino Fundamental I.

Ao serem questionados quanto à forma de trabalhar os conteúdos disciplinares no processo de alfabetização, os docentes entrevistados relataram:

Sempre busco desenvolver as atividades com intencionalidade pedagógica que permitam identificar os objetivos de aprendizagem que contemplam a BNCC. Propiciar momentos em que a criança se expresse (rodas de conversa, relatos de experiência, avaliações com os alunos das atividades desenvolvidas semanalmente, trabalho com textos e atividades que relacionam letras e sons, momentos de leitura do aluno (adivinhas, imagens, recontos), leitura do professor (temas atrativos),

escrita do professor e aluno, escrita do aluno (em duplas e espontânea.
(E₁)

Essa intencionalidade se refere como o ato de brincar na etapa do ensino onde se obtém uma intenção da criança aprender os processos de aprendizagem através das brincadeiras e interações.

Na visão de Jesus (2021), permitir que a criança tenha acesso às experiências das atividades de linguagem, possibilita favorecer a interação e modos de se expressar com maior nitidez e criatividade por meio de brincadeiras lúdicas, permitindo a preparação para aprendizagem futura da escrita e da leitura.

O E₂ afirma trabalhar de forma dinâmica, buscando sobre as dificuldades dos discentes e agindo de maneira específica em cada caso.

Esse educador do 2º ano do Ensino fundamental trabalha de forma dinâmica, se atentando às dificuldades dos discentes e agindo de maneira específica com cada um deles. Barros (2017) corrobora ao salientar o papel do professor ao observar seu aluno, ajudando no seu processo de aprendizagem, ao proporcionar aulas mais alegres, motivadas e dinâmicas, “não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades”.

Para Blanco et al. (2019) o alfabetizador precisa de uma formação adequada, tanto inicial quanto continuada, possibilitando o conhecimento de estratégias para trabalhar com indivíduos que apresentam dificuldades de aprendizagem, mas que, na ausência de uma boa formação, seja capaz de buscar novas alternativas e/ou maneiras de contribuir com a alfabetização e o letramento de seus alunos.

Trabalho de forma lúdica e sistemática uma vez que a criança aprende de forma mais concreta. Aulas com conteúdo e falas claras ajudam nesse processo. Contar histórias, rodas de conversa, nome dos alunos, atividades com rimas e interação dos alunos tudo isso auxilia no trabalho de alfabetização. (E₃).

Abramovich (2012) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Ao utilizar a história na sala de aula, o educador pratica uma aprendizagem bastante significativa, assim, através da exploração de história, há a integração das formas de expressão em todas as áreas do conhecimento, enriquecendo-as bem como propiciando às crianças, vivências e possibilidades muito maiores (SILVA, 2015).

Revista Educação In Loco

Volume 3, Número 1, Ano: 2024, ISSN: 2675-4304 – DOI: [10.29327/216986.3.1-7](https://doi.org/10.29327/216986.3.1-7)

DOI: [10.29327/216986.3.1](https://doi.org/10.29327/216986.3.1)

Em um estudo realizado por Nunes, Canto e Rodrigues (2021) com alunos do 4º ano, o lúdico os deixou motivados, sendo que em muitas das vezes, eles nem percebem que são atividades relacionadas à aprendizagem.

Dos 3 entrevistados, 2 (67%) educadores do 1º e 3º ano concordam que rodas de conversa, interação entre os alunos, atividades lúdicas são formas de trabalhar os conteúdos disciplinares que auxiliam no processo de alfabetização.

Na visão de Matos (2022) o lúdico propicia ao educando uma experiência real do processo, inserindo-o e fazendo-o compreender melhor o universo alfabético. Afirma ainda que a alfabetização nas séries iniciais supera o aprender a ler e a escrever, portanto, é necessário obedecer às etapas de desenvolvimento de aprendizagem considerando e valorizando as experiências que a criança possui.

Sobre a importância do brincar, Cunha (2001) citado por Nunes, Canto e Rodrigues (2021) o considera fundamental na infância, uma vez que a brincadeira age como um ‘treinamento’ na transformação, sendo que a ‘infância é a fase de experimentação e de conhecimento, e a brincadeira é a melhor forma de exercitar e a principal ferramenta de aprendizagem.

Quanto às dificuldades de alfabetização dos alunos encontradas em sala de aula, afirmaram:

Para o professor alfabetizador do 1º ano (E₁) a falta de parceria entre família e escola como dificultador da alfabetização dos alunos.

Para Rodrigues e Martins (2020), a família e os profissionais da educação precisam trabalhar em conjunto, em especial quando a criança tem dificuldade para ser alfabetizada, quando ambas as partes se apoiam o resultado se torna bem mais satisfatório, pois é através do planejamento que esses profissionais elaboram estratégias e ações que junto com o apoio da família, esses alunos obtêm sucesso na vida escolar.

Já para o E₂, é *“A falta de atenção e distração por parte de alguns alunos, fazendo com que o educador busque novas estratégias para o desenvolvimento da alfabetização”*.

Matos (2022) salienta que o processo da formação continuada qualifica o profissional educador para além de dominar o assunto em questão, possuir competências e estratégias para a transferência do ensino. Desse modo, facilitando o processo de aprendizagem dos alunos. Para Padilha (2012) é papel do educador facilitar o processo de aprendizagem dos alunos,

estimulando-os, buscando materiais e recursos diferenciados para melhorar a atenção dos mesmos nas aulas

E, para E₃, “*A falta de apoio familiar talvez seja um dos maiores desafios, a quantidade de alunos nas turmas e a distorção de idade - série, bem como os níveis diferentes*”.

No processo de alfabetização, o aprendiz precisa entender o “motivo de ter que aprender a ler e a escrever, compreender o significado da linguagem no seu meio social, diminuindo assim um pouco de suas possíveis dificuldades nesse processo” (RODRIGUES; MARTINS, 2020, p. 8). É necessário justificar o porquê às crianças, desse modo, elas assimilam melhor os conteúdos.

Os entrevistados relataram como dificultadores da alfabetização dos alunos em sala de aula, “*a falta de apoio/parceria entre família e a escola*”, falta de atenção e distração desses alunos “*fazendo com que o educador busque novas estratégias para o desenvolvimento da alfabetização*”, *turmas lotadas, distorção de idade/série e níveis de aprendizado diferentes*.

Questionados sobre como deve ser a sala de aula de um professor alfabetizador, responderam: *Uma sala com materiais onde a criança possa ter contato. Acesso a ferramentas digitais, um lugar que ela possa relacionar os conteúdos à sua realidade, leia, crie, brinque, teste, desafie-se e se supere. Um lugar onde ela se sinta bem e feliz.* (E₁)

Questionados sobre como deve ser o ambiente alfabetizador, os educadores ressaltaram sobre a importância da presença de ferramentas digitais, que relacionem os conteúdos à realidade deles. Santos, Almeida e Zanotello (2018) confirmam que a experiência da sala de aula com imersão tecnológica incentiva o interesse e envolvimento dos alunos de forma rápida, de modo que dificilmente se conseguiria em outras atividades, e assim, torna um ambiente de colaboração e construção coletiva, proporcionando condições para que as interações entre os alunos e professor sejam facilitadas.

Afirmam ainda que, ao relacionar alfabetização com um ambiente estruturado de tecnologias familiares aos alunos, também torna o processo de aquisição da escrita mais dinâmico, além de colaborar com a “inclusão digital, no sentido de orientar os alunos e apresentar-lhes, desde cedo, objetivos reais e segurança virtual para utilização de qualquer recurso de modo consciente e ético” (SANTOS; ALMEIDA; ZANOTELLO, 2018, p. 346).

Para E₂, a sala de aula deve ser “*Um ambiente alegre, que desperte o interesse pela leitura, pela escrita e pelo manuseio do material didático, antes mesmo que as crianças dominem suas convenções*”.

Os entrevistados relataram que o ambiente alfabetizador deve um ambiente alegre, que desperte o interesse dos alunos pela escrita. Para Silva e Síveres (2014, p. 88) “A criação de laços na interação entre educador e educando é um marco de grande diferencial no processo de aprendizagem, pois o fortalecimento das relações favorece um ambiente educativo harmonioso e dinâmico”. O ambiente influencia muito na aprendizagem do aluno. A harmonia e sintonia entre educador e educando facilita o processo de alfabetização. E o aluno percebe o quanto o professor está empenhado em exercer sua função.

A sala de aula deve ser preparada de forma de despertar o interesse do aluno pela leitura, pela escrita, pelo manuseio do material didático. A sala não deve ter excesso de informação, mas sim um material que deve ser trabalhado todos os dias como: chamadinha calendário dentre outros. (E₃)

Marinho e Soares (2019) ressaltam sobre a importância da organização do ambiente alfabetizador para o processo de aprendizagem, “por proporcionar ao alfabetizando recursos didáticos e inúmeras possibilidades de aprendizagem a partir de práticas alfabetizadoras”.

Os alfabetizadores entrevistados nesse trabalho relataram sobre a necessidade de o educando manusear o material didático, se familiarizar com o mesmo. Como afirma Frade (2005, p. 9):

A organização do processo de trabalho deve levar em conta múltiplas dimensões: as experiências metodológicas, os materiais didáticos, materiais de leitura, as experiências de formação de professores, os tempos e espaços destinados à alfabetização.

Ao serem questionados quanto ao maior desafio como professor alfabetizador, responderam: *Estar sempre diversificando as atividades, estar conectado ao mundo da criança, mantê-las engajadas na aula proposta.* (E₁)

Em um trabalho de mestrado, Betts (2021) criou-se uma oficina de reconto de histórias, em que o professor solicitou aos alunos a utilizarem peças e montar o cenário da parte da história que mais gostou, e percebeu-se que o nível de engajamento dos alunos mudou bastante quando eles se sentiram parte do que estavam desenvolvendo em conjunto. *O desenvolvimento e comportamentos diferentes que cada criança traz consigo, sua singularidade.* (E₂)

As respostas dos educadores vêm de encontro com a fala de Silva et al. (2018, p. 1), que cita o desafio de como alfabetizar seus alunos, uma vez que a sala de aula é um ambiente em que cada criança tem suas especificidades, necessitando de maior atenção do professor. “Dentre as razões da dificuldade docente em lidar com os desafios, está a mistificação das turmas, ou seja, as turmas multisseriadas, e os comportamentos diferentes que cada criança traz consigo, sua singularidade” (SILVA, 2018, p. 1).

A inclusão dos estudos na rotina doméstica, a aproximação entre escola e família, a falta de assistência pedagógica, diferentes perfis na sala e desvalorização da profissão. Esses são alguns desafios que encontro na profissão de professor alfabetizador. (E3)

Silva (2018) a questão da falta de participação dos pais no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Essa participação influencia demasiadamente nas práticas educativas, pois o desenvolvimento da alfabetização e aquisição da escrita surge também do incentivo familiar e social.

Dentro da perspectiva de que ‘nem todo professor é alfabetizador’. Para ser um professor alfabetizador, os entrevistados consideram que as principais habilidades são: [...] *ter domínio da disciplina, capacidade de organizar um currículo que enfatize os principais objetivos, capacidade de comunicação, manter um clima organizador e entusiasmar seus alunos. (E3)*

A resposta do Educador 3, corrobora com Nóvoa (2009), que diz que sem a capacidade de se relacionar e de se comunicar não é possível cumprir a ação de educar. Bem como ter serenidade e ser capaz de se dar ao respeito, assim conquistando os alunos para o trabalho escolar. O professor alfabetizador “precisa saber conduzir alguém para a outra margem, pois o conhecimento não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais” (NÓVOA, 2009, p. 30). *Ser empático e paciente; um constante pesquisador, ter clareza do currículo, compreendendo o que os alunos devem aprender; compreender a avaliação como processo essencial na aprendizagem dos alunos, entre outras. (E2)*

Nóvoa (2009) salienta que o conhecimento é um componente essencial para uma boa prática, pois um bom professor precisa conhecer bem aquilo que ensina e ser capaz de conduzir os alunos à aprendizagem.

Saber planejar as suas aulas e definir os objetivos didáticos. Tomar decisões, escolher recursos que avaliam as metodologias que tornarão

a aprendizagem significativa e enriquecedora. É importante conhecer as etapas de desenvolvimento da criança habilidades e competências a serem trabalhadas, compreensão e valorização do conhecimento do aluno. (E₃)

Para Farias e Amparo (2017) as diferenças são inerentes a todos os seres humanos, e sendo assim, não poderíamos esperar que nossos alunos fossem iguais. Entretanto, as dúvidas sobre como trabalhar com perfis tão diferentes preocupam muitos educadores, sobretudo àqueles que alfabetizam. Pois as crianças chegam ao 1º ano do ensino fundamental em níveis muito divergentes de conceitualização da leitura e escrita, exigindo do educador um olhar mais observador e sensível sobre cada aprendiz, para garantir que todos avancem em suas possibilidades (FARIAS; AMPARO, 2017).

Como diz Pimenta (2002, p. 15): “não é qualquer um que pode ser professor [...] a formação do professor é algo muito sério. Requer investimento pessoal, institucional, público, político e social”.

Considerações Finais

Todos nós temos um referencial teórico que orienta o trabalho de alfabetização, que se modifica à medida que incorporamos novos conhecimentos e esse referencial por meio da interação com os colegas de trabalho, alunos em sala de aula e em cursos de formação.

Em torno da alfabetização e letramento, as discussões não são modas passageiras, mas tópicos importantes para argumentar e articular no trabalho em sala de aula. A forma como o professor conduz o seu trabalho é essencial para que a criança desenvolva o conhecimento da matéria escrita e adquira determinadas competências que lhe permitirão utilizar a leitura e a escrita de forma eficaz em diversas situações sociais. Alfabetizar em termos de letramento, mais do que uma decisão individual, é uma opção política porque estamos inseridos em um contexto social e cultural em que aprender a ler e escrever é mais do que apenas dominar a tecnologia.

Atuar com competência nas aulas de alfabetização vai além do domínio do conteúdo, afinal, alfabetizadores são alfabetizados. Domina o conteúdo para trabalhar com os alunos. Mas é importante pensar nas especificidades didáticas desse conteúdo. Habilidades como a consciência fonológica, o processo pelo qual uma criança adquire a leitura e a escrita, os gêneros

textuais e suas funções sociais, estão entre outras habilidades essenciais para a instrução no processo de alfabetização e letramento.

A formação de professores no curso pedagógico deve levar em conta o perfil do professor alfabetizador. É importante compreender o processo de alfabetização como uma jornada complexa que deve ser objeto de estudos e pesquisas. A formação deve ser inicial, mas também contínua. Formação que tem em conta os desafios que as crianças enfrentam no processo de aprendizagem e os professores no desenvolvimento da sua prática pedagógica.

O conteúdo da formação do professor alfabetizador deve ser as possíveis dificuldades com a aquisição da leitura e da escrita apresentadas pelas crianças. Compreender as possibilidades do trabalho pedagógico para que nenhum aluno fique para trás. Não permitir que uma determinada porcentagem de alunos seja excluída da participação efetiva na cultura letrada que se desenvolve na escola e na sociedade.

Nessa perspectiva, a formação de professores é emancipatória e oferece oportunidades para o desenvolvimento de um trabalho de alfabetização consciente e seguro, baseado na prática, que antecipa os problemas do curso e é sistematicamente projetado para enfrentá-los.

Referências

ABDALLA, C. S. **A formação, os desafios, os saberes e as competências do professor alfabetizador na contemporaneidade**. 2021. 32 f. Monografia (Especialização em Docência na Educação Básica e Profissional) – Instituto Federal de Goiás, Curso de Pós-graduação em Docência na Educação Básica e Profissional. Inhumas: IFG, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/9111/1/TCC%20Claudia.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

ABRAMOVICH, F. **A importância das histórias**. Blogpost: Luz do conto, 2012.

BARROS, J. **Dificuldades de aprendizagem**. Brasil Escola. 2017. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/dificuldades-aprendizagem.htm>. Acesso em: 12 out. 2022.

BETTS, B. A. **Aprender brincando: o papel do Design no desenvolvimento de recursos pedagógicos para Educação**. 2021. 81 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Programa de Pós-Graduação em Design,

Revista Educação In Loco

Volume 3, Número 1, Ano: 2024, ISSN: 2675-4304 – DOI: [10.29327/216986.3.1-7](https://doi.org/10.29327/216986.3.1-7)

DOI: [10.29327/216986.3.1](https://doi.org/10.29327/216986.3.1)

do Departamento de Artes e Design. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/52944/52944.PDF>>. Acesso em: 23 out. 2022.

BLANCO, M. B. et al. Os **desafios do processo de alfabetização**: a percepção dos professores alfabetizadores. **Ensinar**. v. 1, n. 1, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/288280796.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2022.

BRASIL. Secretaria de Alfabetização – SEALF. **Práticas de Alfabetização**: livro do professor alfabetizador – Estratégias. Brasília: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/livro-do-professor_03_09.pdf>. Acesso em: 17 maio 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno de Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2015.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.

CARVALHO, T. K. P. O perfil do professor alfabetizador: formação, concepções e práticas docentes. **Temporis (ação)**, v. 14, n. 2, p. 99-109, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/3241/2448>>. Acesso em: 27 maio 2022.

FARIAS, J. O. AMPARO, F. V. S. **Caderno de atividades diferenciadas para a alfabetização**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2017. 92 p. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/blog/mpcp2/files/2018/04/FARIAS_JESSICA_OLIVEIRA_2017_p_rodutoeducacional_reduzido.pdf>. Acesso em: 25 out. 2022.

FIRMINO, M. A. D.; SILVA, T. C. S. Formação continuada: reflexos da prática pedagógica docente no processo de ensino e aprendizagem. **Diversa Prática**, v. 6, n.2 p. 110-38, jul./dez. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/diversapratica>>. Acesso em: 20 maio 2022.

FRADE, I. C. A. S. **A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento). Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2007%20Organizacao_trabalho.pdf>. Acesso em: 07 out. 2022.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

FREIRE, P. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: forma-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2009.

JESUS, L. O. de. **Percepções docentes sobre o processo de alfabetização na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro Universitário Maria Milza – UNIMAM, Curso de Licenciatura em Pedagogia. Governador Mangabeira-BA, 2021. Disponível em: <<http://131.0.244.66:8082/jspui/bitstream/123456789/2551/1/PEDAGOGIA%20-%20LORENA%20DE%20OLIVEIRA%20DE%20JESUS.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARINHO, S. S.; SOARES, M. G. P. O ambiente alfabetizador e as facetas de inserção no mundo da escrita no i ciclo do ensino fundamental . *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 6, 2019. **Anais...** Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA8_ID4727_25092019213815.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

MATOS, P. C. S. O lúdico na alfabetização dos anos iniciais. **Revista Caparaó**, v. 4, n. 1, e72, 2022. Disponível em: <<https://revistacaparao.org/caparao/article/view/72/62>>. Acesso em: 11 out. 2022.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Caderno de Boas Práticas dos Professores Alfabetizadores das Escolas de Minas Gerais**. 2018. (Alfabetização no tempo certo). Disponível em: <<https://orientaeducacao.files.wordpress.com/2018/04/caderno-de-boas-praticas-professores-alfabetizadores.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2022.

NÓVOA, A. **Professores**: imagens do futuro e presente. Lisboa: Educa, 2009.

NUNES, P. O. C.; CANTO, C. G. S.; RODRIGUES, A. C. S. O lúdico como ferramenta de aprendizagem de leitura e escrita. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, v. 13, n. 29, p. 284-99, 2021: Formação de professores: pedagogia, crescimento emocional e paixão docente (Dossiê). Disponível em: <<https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1023>>. Acesso em: 10 out. 2022.

OLIVEIRA, C. J.; ALMEIDA, L. C. Formação continuada no PNAIC: evidências de praticismo em debate. **Educação**: teoria e prática, Rio Claro, v. 29, n. 60, p. 26-46, jan./abr. 2019.

OLIVEIRA, E. Brasil regride em meta para acabar com o analfabetismo e não alcança objetivo de investir mais na educação, diz relatório. **G1 Educação**. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/24/brasil-regride-em-meta-para-acabar-com-o-analfabetismo-e-nao-alcanca-objetivo-de-investir-mais-na-educacao-diz-relatorio.ghtml>>. Acesso em: 19 maio 2022.

PADILHA, I. A. Dificuldades de aprendizagem: uma reflexão sobre a prática docente. **Ensaios Pedagógicos**, jul. 2012. Disponível em: <<https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n3/5%20ARTIGO%20ISLEY.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2022.

Revista Educação In Loco

Volume 3, Número 1, Ano: 2024, ISSN: 2675-4304 – DOI: [10.29327/216986.3.1-7](https://doi.org/10.29327/216986.3.1-7)

DOI: [10.29327/216986.3.1](https://doi.org/10.29327/216986.3.1)

PIMENTA, S. G. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

RODRIGUES, A. Q.; MARTINS, G. A. **Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização**. 2020. <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/04/dificuldades-de-aprendizagem-no-processo-de-alfabetizacao.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2022.

RODRIGUES, L. A. R. **Aprender a Ensinar**. Os desafios de aprender e ensinar na alfabetização. 2021. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia EaD) - Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33638/3/MemorialAcad%c3%aamicoAprender.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2022.

SANTOS, V. G.; ALMEIDA, S. E.; ZANOTELLO, M. A sala de aula como um ambiente equipado tecnologicamente: reflexões sobre formação docente, ensino e aprendizagem nas séries iniciais da educação básica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, n. 252, p. 331-49, maio/ago 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/7BWLy8bqKkmLMqPGbS9v3mj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 out. 2022.

SILVA, E. F. et al. Os desafios do professor alfabetizador na rotina da sala de aula. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU, 2018. **Anais...** Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA8_ID2159_27082018224311.pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.

SILVA, F. S. **Contando e recontando histórias na Educação Infantil**. 2015. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/contando-e-recontando-historias-na-educacao-infantil/129747/>. Acesso em: 12 out. 2022.

SILVA, L. A.; LUCENA, A. M. Formação Continuada de Professores Alfabetizadores: Contribuições do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3, 2016. **Anais...** Disponível em <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID12790_18082016150407.pdf/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVA, R. J. B. **Saberes da prática pedagógica que favorecem o pleno desenvolvimento do educando**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/16746192/Rosa_Jussara_Bonfim_Silva>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SILVA, R. J. B.; SÍVERES, L. Saberes necessários para o pleno desenvolvimento do educando. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 15, n. 23, p.73-91, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://191.232.52.91/index.php/revista/article/view/210/pdf>>. Acesso em: 08 out. 2022.

SÍVERES, L.; SILVA, R. J. B. A interação entre aprender e ensinar. **Educação In Loco**, v. 2, n. 2, jan./jun. 2021.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, abr. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt>>. Acesso em: 02 maio 2022.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TOKARNIA, M. IBGE mostram que o Brasil tem 11,8 milhões de pessoas com mais de 15 anos que não conseguem ler nem escrever um bilhete. **Agência Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

WEYLL, C. T. M.; MARTINS, C. A. A prática pedagógica do professor alfabetizador: atendendo as diferenças de aprendizagem em sala de aula. *In*: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCACÇÃO, 13**, “Formação de professores: contextos, sentidos e prática”, 28 a 31 de agosto 2017, p. 3182-97. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26136_12883.pdf>. Acesso em: 09 maio 2022.